

<sup>9</sup> Erwin Rohde, *Psyche: The Cult of Souls and Belief in Immortality among the Greeks*, trad. H.B. Hillis, 8.ed. (New York: Hartcourt, Brace & Company, Ind., 1925), p.219.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p.219.

<sup>11</sup> *Ibid.*, pp.222-223.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p.225.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.222.

<sup>14</sup> Roland Barthes, *Mythologies*, trad. Annette Lavers (New York: Hill and Wang, 1972), pp.142-145.

<sup>15</sup> Benedito Nunes, "Antropofagia ao Alcance de Todos," in Oswald de Andrade, *Obras Completas VI: Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*, 2.ed. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978), p.xxvii.

## A APARIÇÃO DOS SAPATOS

Aníbal MACHADO

Foi há alguns anos e poderia ter sido ontem.

A espera prometia ser longa à porta do cinema, uma vez que Santa Rosa não era pontual, eu sabia. Combinamos um encontro ali (tratar, se não me engano, da ilustração de uma novela). Mais de quarenta minutos transcorridos e nada de Santa. Para sossegar minha impaciência distraía-me com os cartazes. Num deles, o mais eletrizante, a moça desmaiada na garupa do cavalo ia sendo salva pelo herói que respondia magnificamente ao tiroteio dos bandidos. O mais interessante, porém, era o espanto dos três pequenos maltrapilhos que ao meu lado o contemplavam hipnotizados. E Santa não aparecia. O mais velho, pelo menos o mais alto, que tinha cara de safadinho e parecia o líder do grupo a acender um

cigarro e contemplava fumando, fixava o colo da moça no ponto em que o vestido rasgado deixava entrever um trecho manchado de vermelho — "ela levou um tiro!... olha aqui tá saindo sangue!" Os dois outros prenderam a respiração: "Oh!..." E depois se viraram famélicos e sem esperanças para a porta que leva à sala de projeção. E Santa Rosa não aparecia!... Desisto do encontro. Em mim também começava o cartaz a influir. Encosto-me ao guichê para a compra do bilhete, enquanto os três moleques se aproximam num movimento involuntário de quem espera mingalhas de um banquete. O olhar deles é de súplica muda. Depois como que caindo em si voltam, um pouco tristes, a espiar o painel. Senti-lhes no jeito uma reação de pudor e timidez à vontade de formular um pedido. E vou entrando. Mas paro e hesito na ante-sala. Um começo de remorso engrossou-me o coração. Eu ia ver um filme que talvez me aborrecesse; e deixava lá fora três moleques ardendo de curiosidade. Voltei ao guichê, pedi mais duas entradas, desisti da minha e acenei para os garotos fascinados que mais pareciam tê-las arrancado do que recebido de minhas mãos. Mas o porteiro barrou-lhes a entrada. Bonito! Havia um obstáculo, havia... Nem eu nem eles o previmos.

#### Os sapatos!

Tinham que se apresentar calçados... Podiam não ser bolinadores, nem rasgadores de poltronas, nem batedores de carteira — que toda essa gente mais ou menos precursora da atual juventude transviada era ali admitida como platéia distinta — mas descalços não! Nem com ordem do Catete. Não se apertaram os moleques. Entenderam-se pelo olhar e — "nós voltamos já!" — sumiram-se na multidão.

Partiram confiantes nalguma providência. Alegres demais para uma decepção. Resolvi esperar. O espetáculo que me davam devia ser mais interessante que o que se passava na tela. Ainda não era decorrido um quarto de hora e ei-los que surgem naquele restante de rua que é a rua Chile. Voltaram felizes. E pisando com um desajeito cômico — maneira de andar que não lhes era natural, um tanto de pato, um quê de Carlitos. Calçados, todos! Os pés nadavam em botinões de adulto, sem cordões, sujos de lama seca. Um sapatinho de moça fazia parelha com uma chanca de

marmanjo. Gingando e tropeçando, os garotos avançaram triunfantes. Iam finalmente saber o destino daquela moça cuja vida perigava tanto no cartaz.

Seis sapatos velhos recrutados em quinze minutos! Onde os teriam desencavado os moleques? Nem formiguinhas miúdas em torno do açúcar apareciam com tamanha rapidez. A miséria deve ser dona de um bricabraque invisível, e com certeza alguma sociedade secreta abastece os maltrapilhos. As sapucaias não são o único depósito das escórias de uma cidade grande. E se aquele porteiro por capricho exigisse dos meninos três seringas, cinco guarda-chuvas, dois sutiãs e sete chaves de fenda — estou certo de que esses utensílios chegariam direitinho às mãos do engracado. O que para a maioria é lixo desprezível, para o pobre é lembrança afetiva ou objeto de possível serventia.

Os três se aproximam. O porteiro esboça qualquer objeção que não chega a formular, porque intervendo com firmeza: "Agora já podem entrar. Estão calçados!" E os meninos mergulharam no mistério da sala. Tinham urgência de saber se a moça escaparia dos bandidos. Nem me agradeceram. Agradecer o que, afinal?

Talvez se lembressem mais tarde de um sujeito calvo, de óculos, que surgiu na hora precisa e lhes facilitou o ingresso a uma zona de sonho... Alguém que não seria nenhum protetor ocasional, ou dilettante da bondade, mas apenas uma peça do mundo mágico a que pertenciam. Mundo onde não se agradece nem se pede nada a ninguém. Porque tudo, nele, acontece gratuitamente.

(Transcrito do original por Marco Antonio Castelli)

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE "A APARIÇÃO DOS SAPATOS"

por Marco Antonio CASTELLI\*

### 1. Lembrando Aníbal

O que me impele a escrever sobre Aníbal Machado é o prazer

\*Professor de Literatura Brasileira da UFSC.